

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

OCUPAÇÃO VILA DOS SONHOS - CAJU/RJ: UMA LEITURA POR MEIO DE PERIÓDICOS

Leonardo Souza das Neves¹

(Programa de Pós-Graduação em Educação - ProPEd/UERJ)

leonardosouzadasneves@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias. (Eduardo Galeano)

Na licença poética que Eduardo Galeano traz em seus escritos que somos compostos por histórias, entendo além, somos formados, deformados e reformados por (nossas) memórias. Esses processos são individuais, passando pela subjetividade da própria vida, e também coletivos, atravessando diversos grupos. As *experiênciasvivências* que são atravessadas por nossas construções, seja individuais ou coletivas, fazem parte de quem somos, com isso, nossas memórias auxiliam a estruturar as (re)invenções dos territórios que ocupamos.

E nas redes estabelecidas entre memória e história (CANDAU, 2012; NORA, 1993) perante o território (SANTOS, 1987), principalmente, da favela (VALLADARES, 2005), pretendemos analisar a política de memória diante fontes escritas e ditas oficiais historicizando a Ocupação Vila dos Sonhos. Iniciando uma reflexão sobre as memórias como *escrevivências*. “A nossa ‘escrevivência’ conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande.” (EVARISTO, 2017, p. 15).

Pretendemos analisar quais são as histórias que já foram escritas sobre a Ocupação Vila dos Sonhos - Complexo do Caju. Realizando um levantamento bibliográfico sobre pesquisas na área das Ciências Humanas sobre o território em que a Ocupação se estabelece, antigo lugar que o atual Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião (IEISS) residia. Diante disso,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) e integrante do Grupo de Estudos História da Educação e Religião (GeherRio). Endereço eletrônico: leonardosouzadasneves@gmail.com

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

visamos investigar quais histórias são constituídas sobre a Ocupação e os processos do devir memória no meio do pensamento científico/acadêmico.

O atual Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião (IEISS) foi inaugurado com pompa e circunstância por D. Pedro II em 1889, criado para atender os doentes das inúmeras epidemias que varriam o Rio no fim do século XIX, segundo Oliveira 2005. Suas instalações já foram no Caju e que já teve 500 leitos, foi realocado em 2008 para um andar no Hospital Federal dos Servidores do Estado (HFSE). Ao longo do tempo, já esteve sob a gestão de várias esferas de poder (Federal, Estadual e Municipal) e também já teve diversos nomes: Hospital São Sebastião, Hospital Estadual São Sebastião. Neste momento, nosso objetivo é realizar a leitura com periódico sobre a Ocupação Vila dos Sonhos.²

Sendo um morador deste Complexo e conhecendo o território da Ocupação, pois já foi uma das pessoas que ficaram internadas neste hospital quando era alocado no Caju. E hoje tal terreno tornou-se uma ocupação residencial. Sobre esses processos a pesquisa reflete quais são os sujeitos que ocupam esse território atualmente e as construções das memórias em suas relações entre sujeito e *espaçotempo*. E os estranhamentos para as ditas fontes oficiais sobre a história da ocupação e as escrevivências (EVARISTO, 2017) dos corpos dessa ocupação.

Através da reflexão do território que o Instituto de Estadual de Infectologia São Sebastião ocupava no Caju e as memórias constituídas neste espaço posterior a sua desocupação. Logo, quais são as histórias que são contadas? Quais são as memórias consideradas válidas e importantes para a constituição da história? O que já foi narrado sobre esse território? Diante disso, rememoramos as histórias e narrativas deste lugar inicialmente sobre o levantamento bibliográfico.

A PESQUISA SOBRE A OCUPAÇÃO VILA DOS SONHOS COM OS PERIÓDICOS

Uma arte de conhecimento dos detalhes que se apresentam numa área difusa de investigação e análise, que aborda tanto a caça, quanto a adivinhação, os indícios e traços e os sinais e signos. De fato, há uma profusão de interesses e contextos de difícil aproximação. Como proceder neste campo, tanto para não se perder, como para não encontrar nada de significativo? É neste ponto que se torna relevante o trabalho de investigação tal como procede um detetive. (abreu JUNIOR, 2005, p.148)

²No aprofundamento da história do Hospital São Sebastião, recomendo a dissertação da pesquisadora Paula Maria de Oliveira, nomeada “Hospital de São Sebastião (1889-1905): um lugar para a ciência e um lazareto contra as epidemias.” Defendida em 2005 no Programa Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-FIOCRUZ.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Partindo de abreu Junior, 2005, o levantamento bibliográfico realizado por essa pesquisa foi elaborado e pensado como uma investigação. As informações foram tabuladas e analisadas a partir de um dos marcos de Ginzburg (apud. JUNIOR, 2005) que propõe uma atitude de estranhamento diante das fontes e dos documentos.

O levantamento em periódicos visa em procurar trabalhos e pesquisas sobre o território (SANTOS, 1987) no intuito de rememorar a história do território em análise. A investigação se deu, inicialmente, por meio de uma busca em 15 periódicos entre revistas e cadernos científicos (Quadro A). Sendo utilizadas diversas palavras-chaves (Hospital São Sebastião; Hospital Estadual São Sebastião; Instituto de Infectologia São Sebastião; Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião; Ocupação do Hospital Estadual São Sebastião; Ocupação Vila dos Sonhos; Ocupação do Caju; Complexo do Caju; Favela do Caju.) nas áreas de História, História da Educação, Educação, Ciências Sociais, Antropologia e Sociologia. O recorte temporal de 10 anos (2010 a 2020) foi estabelecido para a pesquisa, focando em trabalhos publicados nacionais e principalmente do Rio de Janeiro.

QUADRO A - REVISTAS

REVISTA	INSTITUIÇÃO	CIRCULAÇÃO DESDE
Cadernos de Pesquisa ³	FCC	1971
Revista Brasileira de Educação ⁴	ANPed	1995
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos ⁵	MEC/INEP	1994
Revista Brasileira de História da Educação ⁶	SBHE	2001
Revista História da Educação ⁷	ASPHE	1997
Educar em Revista ⁸	Setor de Educação da UFP	1977
Educação em Revista ⁹	FE/UFMG	1985
Educação e Sociedade ¹⁰	CEDES/Campinas	1978

³ Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/index> Acesso em 05 de julho de 2021.

⁴ Disponível em: <https://submission.scielo.br/index.php/rbedu/index> Acesso em 05 de julho de 2021.

⁵ Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep> Acesso em 05 de julho de 2021.

⁶ Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/index> Acesso em 05 de julho de 2021.

⁷ Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe> Acesso em 05 de julho de 2021.

⁸ Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar> Acesso em 05 de julho de 2021.

⁹ Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista> Acesso em 05 de julho de 2021.

¹⁰ Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/publicacoes/20> Acesso em 05 de julho de 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Educação e Pesquisa ¹¹	FE/USP	1975
Tempo Social ¹²	FFLCH/USP	1989
Revista Brasileira de Ciências Sociais ¹³	ANPOCS	1986
Revista de Antropologia ¹⁴	FFLCH/USP	1953
Religião e Sociedade ¹⁵	ISER/RJ	1977
Horizontes Antropológicos ¹⁶	UFRGS	1995
Revista Brasileira de História ¹⁷	ANPUH	1981

FONTE: Elaborada pelo autor, 2021.

A pesquisa nos periódicos foi realizada no dia 05 de julho de 2021. Logo, é importante destacar que os resultados deste trabalho é demarcado por esse limite temporal, se algum trabalho posterior a essa data foi publicado não constará nos resultados.

A investigação mostrou que nenhum dos periódicos apresentavam pesquisas elaboradas sobre as palavras-chaves propostas para o artigo dentro do recorte de tempo de 2010 a 2020 e da nacionalidade. Por isso, como estratégia metodológica, foram ampliadas a temporalidade por mais 10 anos (2000 a 2020) e origem das publicações, se estendendo para trabalhos e autores internacionais e/ou em outros idiomas. Ainda com ampliação da temporalidade e nacionalidade/regionalidade não foram encontrados trabalhos sobre a Ocupação Vila dos Sonhos, o Complexo do Caju, ou ainda, sobre o Hospital São Sebastião.

Novamente ocorreu um alargamento sobre o recorte de tempo, observando as revistas em todos os seus acervos digitais disponíveis. Neste momento do levantamento da história da Ocupação Vila dos Sonhos com os periódicos não tinham mais filtros na pesquisa, apenas as palavras-chaves. Então, desde da revista mais antiga que foi utilizada na pesquisa, a Revista de Antropologia que tem sua circulação desde 1953, até a mais recente, a Revista Brasileira de

¹¹ Disponível em: <http://www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/> Acesso em 05 de julho de 2021.

¹² Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/index> Acesso em 05 de julho de 2021.

¹³ Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/rbcs> Acesso em 05 de julho de 2021.

¹⁴ Disponível em: <https://antropologia.fflch.usp.br/revista-de-antropologia> Acesso em 05 de julho de 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://www.iser.org.br/projeto/revista-religiao-sociedade/> Acesso em 05 de julho de 2021.

¹⁶ Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/horizontesantropologicos> Acesso em 05 de julho de 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/revistas-anpuh/rbh> Acesso em 05 de julho de 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

História da Educação data de 2001, não teve qualquer recorte temporal. E mesmo assim foram inexistentes os trabalhos em todos os periódicos.

Consequentemente, algumas questões atravessaram este trabalho: Por que nenhum trabalho ou pesquisa foram encontrados? Por que ninguém realizou tal pesquisa? Será que o resultado do levantamento tem haver por causa da temática ou território? Quais temas são considerados válidos e legítimos para realizar pesquisa? Quem são as pessoas que estão realizando pesquisas? Quais territórios são considerados importantes para se pesquisar dentro das Ciências Humanas nos periódicos estabelecidos? Será que foi uma brecha nas escolhas dos periódicos?

Partindo dessas encruzilhadas de questões na pesquisa com periódicos e a ausência de trabalhos nas revistas e cadernos, pensados inicialmente, optei para o site SciELO - Brasil¹⁸ como um dos bancos de dados para realizar o levantamento proposto. Ainda dentro das palavras-chaves, sem um recorte temporal, nacionalidade/regionalidade e agora também sem os filtros de periódicos e áreas temáticas. A investigação por meio da plataforma SciELO - Brasil apresentou resultados. (Quadro - B)

QUADRO - B - RESULTADOS DA PLATAFORMA SCIELO - BRASIL

REVISTA	ANO	TÍTULO	AUTORES
Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical	1975	Meningite meningocócica: avaliação em período pré-epidêmico e epidêmico no Rio de Janeiro (1973-1975).	Nélson Jerônimo Lourenço; et. al.
	1980	Manifestações neurológicas nas endocardites infecciosas - revisão de 103 casos estudados - 84 casos do Hospital dos Servidores do Estado-R.J. (1947-1978) e 19 casos do Hospital Estadual São Sebastião-R.J. (1975-1978).	Adrelirio José Rios Gonçalves; Ana Maria Miranda Pinto; Carlos Roberto de Vasconcelos Teixeira; et. al.
Revista de Saúde Pública	2009	Sistemas de informação oficiais de meningite criptocócica, estado do Rio de Janeiro.	Beatriz Consuelo Quinet Leimann; Rosalina Jorge Koifman

FONTE: Elaborada pelo autor, 2021.

¹⁸ Disponível em: <https://www.scielo.org/> Acesso em 05 de julho de 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os resultados encontrados foram três artigos, todos da área das Ciências da Saúde, são estudos de casos e análises clínicas sobre pacientes que estavam em tratamento no Hospital São Sebastião. Dentre os artigos, dois deles são da época em que as instalações do hospital encontravam-se no Caju (1975 e 1980).

Segundo a plataforma virtual da SciELO, 2021, no Brasil são 305 periódicos e 441.304 artigos.¹⁹ Diante desses dados e o levantamento bibliográfico proposto, observamos uma ausência de pesquisas realizadas sobre o território da Ocupação, sobre o Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião que era alocado neste espaço e também sobre o Complexo do Caju que anexou o território ao seu conjunto de favelas.

POLÍTICA DE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

A diversidade - exatamente a condição que poderia propiciar o enriquecimento das relações humanas - não é olhada, apreendida como estratégia ou meio de realização de cada um e da humanidade como um todo. O que se busca, a todo o custo, é a padronização, o enquadramento em uma norma, obedecendo a critérios que só são preenchidos por uma minoria, uma classe ou grupo dominante. E esta classe utiliza todos os meios – dentre os quais se destaca a escola, um espaço contraditório – para transformar em hegemônico o seu projeto (BIANCHETTI, 2002, p. 05).

O diverso, o diferente, o que foge da dita “normalidade” é visto com estranheza. E todas e quaisquer pessoas que não estejam neste padrão imposto são olhadas, geralmente, com olhares de indiferença, (in) tolerância, preconceitos, antipatia, indiferença (BIANCHETTI, 2002). Mudar de calçada quando um grupo de rapazes negros está à sua frente, não ajudar uma mulher agredida por seu parceiro são apenas alguns exemplos de (não) olhares. As favelas e os favelados também são exemplos disso, logo tal constatação pode ser observada com a leitura por meio dos periódicos. E nestes processos de não-olhares são fundamentados por uma *não-memória*, entendido como esquecimento.

A história foi entendida durante muito tempo sobre uma perspectiva que existia somente uma única história (ADICHIE, 2009) - história essa que narra a partir de grupos hegemônicos, logo, reforçando diversos estereótipos da sociedade cis-heteropatriarcado e branca - realizando dessa forma um apagamento, um esquecimento sobre as outras histórias e a atuação política ratifica o esquecimento (RICOEUR, 2007, p. 458).

¹⁹ Dados fornecidos pela plataforma virtual da SCIELO. Disponível em <https://www.scielo.br/>. Acesso em 06/07/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Memória e história: longe de serem sinônimas, tomamos consciência que tudo as opõem. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um lugar vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. A história, como operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, tornando-a sempre prosaica. (NORA, 1984, p. XIX)

Neste trabalho, partimos do sentimento de Nora, 1984, sobre a distinção entre memória e história. E destaco que a história é uma das ferramentas dentro da política do esquecimento, sendo reforçado pelo “imperialismo dos documentos” (LE GOFF *apud* REIS, 1996, p.08). Na revisão bibliográfica realizada por essa pesquisa observamos que nenhum trabalho e/ou pesquisa sobre a Ocupação Vila dos Sonhos foi encontrada. Porém faz parte da atuação do historiador ir além.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entreaajuda que supre a ausência do documento escrito? (FEBVRE, 1989, p. 428)

“Os fatos não são dados” (REIS, 1996, p. 47) são uma (des/re) construção das coisas que passam, mas atravessadas pelo presente (ROUSSO, 2016). E para isso as fontes são primordiais, porém a memória, a oralidade e a história oral também são fontes para se realizar pesquisa.

Onde faltam os monumentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas ou seus segredos... Deve escutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação... Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história” (LE GOFF, 1996, p. 528)

As memórias que serão narradas são construídas a partir de seleções, "ver uma coisa é não ver outra. Narrar um drama é esquecer outro" (RICOEUR, 2007, p. 459), mesmo que seja a história de uma ocupação do antigo território de um dos hospitais mais antigos do Rio de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Janeiro. Ocupando-se da criação de "lugares da memória" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 94), que engloba a memória coletiva.

A memória coletiva depende do poder social do grupo que a detém. Isto porque, na rememoração, nós não lembramos as imagens do passado como elas aconteceram, e sim de acordo com as forças sociais do presente que estão agindo sobre nós. (FERREIRA, 2002, p. 321)

O esquecimento enquanto política da memória, poder ser percebido, por exemplo, em reproduções das falas de soldados nazistas no holocausto para com os judeus, reproduzido por um sobrevivente de um campo de concentração:

Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês (LEVI, 1990, p. 01).

O caso rememorado passa pelas *experiênciasvivências* no plano individual com objetivo perceber-se no âmbito da memória coletiva. Segundo, CANDAU, a “memória coletiva” é uma representação de um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo.” (2012, p.24).

E nas produções que demarcam que algumas memórias não precisam ser narradas, ou então, que algumas histórias não são consideradas válidas por não terem “fontes escritas”. E assim como um território passa por um política de esquecimento dentro dos espaços acadêmicos, do mesmo modo os sujeitos que residem nesta Ocupação passam por essa dinâmica de esquecimento.

é provável que os membros de uma mesma sociedade compartilhem as mesmas maneiras de estar no mundo (gestualidade, maneiras de dizer, maneiras de fazer etc.), adquiridas quando de sua socialização primeiras, maneiras de estar no mundo que contribuem a defini-los e que memorizaram sem ter consciência, o que é o princípio mesmo de sua eficácia. (CANDAU, 2021, p.26)

Portanto, nos processos das memórias coletivas, nos sentimentos compartilhados de não-olhar, não-sujeito, invisibilidade e subalternização desses determinados grupos sociais por causa da classe, gênero, orientação sexual e raça, pode ser percebido pela interseccionalidade (CONRADO; et al, 2012) e acrescento que o território também passa por esses processos de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

esquecimentos. Pois é da ordem da negação de sujeitos, culturas, sociedades e territórios, demarcando quais são importantes para serem estudados e pesquisados, quais conhecimentos são “acadêmicos”, quais memórias devem ser lembradas e quais histórias contadas. Porque o campo da memória é uma disputa de poder.

“A HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA.”

Fotografia 1 - Ocupação Vila dos Sonhos



Foto: Márcio Alves / O Globo

(FONTE: <https://oglobo.globo.com/rio/abandonado-pelo-estado-antigo-hospital-no-caju-tem-terreno-loteado-predio-invadido-5375933>)

No Grande Rio, que abrange as zonas urbanas e rurais da cidade do Rio de Janeiro e áreas limítrofes da baixada fluminense, o ano de 1974 caracterizou-se, no primeiro semestre, por oscilações acima do limite máximo esperado, ocorrendo, a partir de junho, um notável incremento do número de casos. A maioria dos casos de meningoencefalites da área do Grande Rio é drenada para o **Hospital Estadual São Sebastião da Secretaria de Saúde do Estado da Guanabara, que funciona como isolamento para doenças infecciosas e parasitárias para muitos pacientes provenientes de hospitais da rede estatal (federais e estaduais) e privados.** (LOURENÇO, et. al. 1975. p. 222 - *destaque do autor*)

A Ocupação Vila dos Sonhos é localizada no antigo terreno do Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião, no Complexo do Caju. Fundado em 1889 por D. Pedro II pesquisou e tratou diversas pandemias nacionais, porém foi desativado completamente no Caju em 2008,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

parte de suas instalações já encontravam-se a anos abandonadas.

No ano de 2007 algumas pessoas iniciaram um movimento de ocupação das alas do hospital que estavam desocupadas. A grande migração para ocupar definitivamente o terreno aconteceu após a desativação total do hospital naquele espaço. E além disso, no mesmo ano em que o hospital foi desativado, teve início, em dezembro, uma projeto de lei de Segurança Pública para as favelas da cidade do Rio de Janeiro, o Programa de Polícia Pacificadora (UPPs), com a ocupação de diversas favelas entre 2008 e 2014. De acordo com o site UPP-RJ, do governo do Estado do Rio de Janeiro:

A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) é um dos mais importantes programas de Segurança Pública realizado no Brasil nas últimas décadas. Implantado pela Secretaria de Estado de Segurança do Rio de Janeiro, no fim de 2008, o Programa das UPPs – planejado e coordenado pela Subsecretaria de Planejamento e Integração Operacional – foi elaborado com os princípios da Polícia de Proximidade, um conceito que vai além da polícia comunitária e tem sua estratégia fundamentada na parceria entre a população e as instituições da área de Segurança Pública. O Programa engloba parcerias entre os governos – municipal, estadual e federal – e diferentes atores da sociedade civil organizada e tem como objetivo a retomada permanente de comunidades dominadas pelo tráfico, assim como a garantia da proximidade do Estado com a população. A pacificação ainda tem um papel fundamental no desenvolvimento social e econômico das comunidades, pois potencializa a entrada de serviços públicos, infraestrutura, projetos sociais, esportivos e culturais, investimentos privados e oportunidades.

No decorrer da aplicação desse programa de Segurança Pública, diversas famílias, que eram residentes/moradores das favelas ocupadas pelas UPPs, realizaram uma migração para vários municípios do estado do Rio de Janeiro, um desses lugares que recebeu um aumento significativo de moradores foi o Complexo do Caju, em especial o antigo Hospital São Sebastião que se tornou uma Ocupação.

Um dos grupos dos moradores dessa ocupação, são sujeitos que migraram por conta das Políticas Públicas de Segurança Pública que realizaram expulsões em diversas favelas de famílias que supostamente tinham pessoas envolvidas com o tráfico de drogas. Nesse processo de implementação das UPP's no Complexo do Caju, ocorreu o surgimento da Ocupação Vila dos Sonhos.

O estado do Rio de Janeiro é composto por diversas favelas, da zona norte à zona sul. E cada favela é composta por pessoas com suas múltiplas identidades, que têm diversos posicionamentos políticos, credos, cores, memórias, histórias, tristezas, alegrias, amores, paixões e ódios. Esses espaços/sujeitos são plurais e não apresentam uma única cultura. E a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

partir desses múltiplos lugares/sujeitos, que compõem a cidade do Rio de Janeiro, quero que nossas histórias sejam contadas, narradas, discutidas e visibilizadas também nos espaços acadêmicos. Por isso, esse trabalho foi pensado como uma ferramenta para narrar/construir/amplificar uma história da Ocupação do antigo Hospital São Sebastião, localizada no Complexo do Caju e de seus sujeitos. No Caju, como em outras favelas, há pouca presença de equipamentos públicos e do Estado.

Os moradores dessa Ocupação são entendidos como em suas identidades sociais com suas múltiplas faces (MUNANGA; GOMES, 1994). “Nenhuma identidade é construída no isolamento” (GOMES, 2005, p. 42), elas são barganhadas por meio do diálogo, no decorrer de toda a nossa vida, com os outros. E as construções das múltiplas identidades, externas (sociais) ou internas (pessoais), são forjadas por meio das interações e diálogos abertos com os diversos grupos.

E a partir dessas dinâmicas sociais, política de esquecimento como observado ao longo do trabalho, entendemos que as memórias e as histórias desses moradores são fundamentais para entender as relações neste espaço estabelecida.

Meus ouvidos, foram blindados para tragédia do mundo. O noticiário relata o caos que rege a plataforma dos degenerados. Meus ouvidos, foram blindados para as lágrimas do céu que varrem a cura desta terra. Meus ouvidos, foram blindados para os raios de tua voz que alimentam o breu desta cidade. Meus ouvidos, se blindaram contra todos os berros e gemidos. Pegaram um passaporte e foram se abrigar em outro habitar.
(OUVIDOS BLINDADOS, HUGO PAZ, 2012)

Consequentemente, a normalização das agressões de diferentes formas de violência pode criar blindagens, como Hugo Paz afirma em seu poema. Contra todos os ataques que sofremos, infelizmente às vezes essa blindagem nos impede de ouvir as aflições, os gritos, as falas de outros sujeitos que também estão passando por diversas agressões. Por isso, a importância do aprender a olhar, de estranhar. E o processo de rememoração a partir de “relações cruzadas entre a expressão privada e a expressão pública” (RICOEUR, 2007, p. 92). Nesse sentido, a rememoração que se caracteriza no plano das comemorações são narrativas seletivas, “a glória de uns foi a humilhação para outros. A celebração, de um lado, corresponde à execração, do outro” (RICOEUR, 2007, p. 92)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tira essa pata do meu barraco. Eu tenho nervos, eu não sou de aço. É isso mesmo a nossa herança? Esse trabuco, minhas crianças? Eu sinto asco da tua farda. Me diz se dorme quando o dia acaba. Eu só queria saber. Como segue essa cena depois que eu desligo a TV. Novela da vida real que não paga cachê. (MULAMBA, 2019)²⁰

A autora Scholastique Mukasonga narra em seu livro *Baratas*, o genocídio que aconteceu em Ruanda por meio de uma Guerra Civil, ocorreu entre 1990 e 1994, dissertando sobre a história do povo tutsis que foi marginalizado e constantemente agredido pelo governo de Ruanda. “Eles nos chamavam de inyenzi, as baratas. A partir de então, em Nyamata, seríamos todos baratas. Eu era uma inyenzi.” (MUKASONGA, 2018, p. 47). E assim foram considerados baratas, insetos! Não eram mais seres humanos, logo não tinha problema em tortura-los, matá-los, aniquilá-los.

O processo de desumanização de um grupo de pessoas por causa da sua etnia/raça, territorialidade, orientação sexual, gênero e identidade de gênero, pode ser percebido até hoje em todos os lugares do Brasil, principalmente, nas favelas. E como observado percebemos que na pesquisa realizada mostra como o esquecimento sobre o território acontece dentro dos espaços acadêmicos. E mesmo que nos vejam como apenas “inyenzi, uma pequena serpente, uma pequena barata.” (MUKASONGA, 2018, p. 48), devemos manter a esperança que existem dias melhores.

Eu não caminharei com medo. Não vão me ver no desespero. Nossa voz vai ecoar em cada beco. Nossa história é resistência salve o povo preto. Preto é apagado na história. Mas traz na memória os dias de rei. Fulni-ô ainda em conflito. Hoje morrem a tiros. Grito pra ninguém. Conta pra pagar. Banco pra dever. Sistema carcerário quer prender você. Escola sem partido SUS vai suspender. Não vai se aposentar trabalha até morrer. Vamos derrubar. Vamos derrubar o governo (DORALYCE, 2020)

Forjamos nas palavras de Doralyce (2020), não caminharemos com medo. Seremos quem somos. E queremos que os nossos corpos sejam totalmente válidos, cada um do seu jeito. E continuaremos nos protegendo e aos nossos amigos e familiares. Portanto, procuro mostrar um pouco de como nós, os sujeitos que moram em favelas, resistimos e ressignificamos esses espaços que são marginalizados pela sociedade. Nele criamos nossas culturas, nossas práticas, construímos cada casa, cada barraco com nossas próprias mãos. Somos nós que diariamente somos ameaçados pela força policial. São os nossos irmãos, filhos, netos, sobrinhos que são

²⁰ MULAMBA. Vila Vintém. Altafonte Music Distribution. 2019. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=46M0JhXq28w>>. Acesso: 15/03/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

abatidos pela polícia como animais indo para o matadouro. E continuaremos (re)escrevemos nossas histórias.

Nossas histórias precisam ser narradas se não formos nós ninguém conta. Saindo do lugar como objetos de pesquisas para então pesquisadores. Refletindo sobre a pesquisa realizada, algumas questões foram levantadas: Por que essas pessoas precisaram se mudar para um terreno abandonado de um antigo hospital? Lugar esse que ainda tinha lixo hospitalar durante anos. Quais foram as mudanças na sociedade que acarretam essas modificações geoespaciais?

O Caju é um lugar que já foi lembrado como refúgio para os enfermos, como única alternativa para casos com a saúde perdida. Hoje é lembrado somente por causa do Cemitério. Onde sempre foi um lugar de cura e vida, hoje é somente morte, principalmente neste tempo de pandemia. Ressalto, sempre existiu vida no Caju para além dos espaços institucionais, não foi porque o Hospital mudou suas instalações que o Caju deixou de ter cultura, vida, pessoas, famílias. Pelo contrário, novas pessoas chegaram e com elas, novas formas de olhar e perceber o mundo. Novas oportunidades foram criadas, uma nova chance foi dada, há esperança, forçando assim, uma vila de sonhos. “A história que a história não conta, o avesso do mesmo lugar, na luta é que a gente se encontra” (Samba Enredo Mangureira, 2019).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **História**. A arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- ARAUJO, Valdei. O papel dos periódicos na publicação de dados de pesquisa. EDITORIAL. Rev. Bras. Hist. 41 (86). Jan-Apr 2021. p. 7-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v41n86-00> Acesso em 10 de julho de 2021.
- BIANCHETTI, L. Um olhar sobre a diferença: as múltiplas maneiras de olhar e ser olhado e suas decorrências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 8, n. 1, p. 1 -8, 2002.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira - 1. ed., 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2012.
- CONRADO, Mônica Prates; [et al]. **Intersecções entre raça, gênero, sexualidade, meio ambiente e políticas públicas**. Belém, 2012.
- EVARISTO, Conceição. Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. [Entrevista concedida a] Juliana Domingos de Lima. Nexo Jornal. 26 de maio de 2017. Disponível: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso: 10/03/2020.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi (Rio J.)** 3 (5). Dez 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X003006013> Acesso em 05 de abril de 2021.
- GALEANO, Eduardo. **Os filhos dos dias**. Ed. L&PM, 2012.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos E Conceitos Presentes No Debate Sobre Relações Raciais No Brasil: Uma Breve Discussão**. História. Coleção para todos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação – 2005.
- GONÇALVES, A., et. al. Manifestações neurológicas nas endocardites infecciosas - revisão de 103 casos estudados - 84 casos do Hospital dos Servidores do Estado-R.J. (1947-1978) e 19 casos do Hospital Estadual São Sebastião-R.J. (1975-1978). **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.** 13 (1). Dez 1980.p.65-83. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0037-86821980000100009> Acesso em 05 de julho de 2021.
- Abreu JÚNIOR, Laerthe de Moraes. Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar. **Pro-Posições**, v.16,n.I (46) –jan/abr. 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.
- LEIMANN, Beatriz Consuelo Quinet; KOIFMAN, Rosalina Jorge. Sistemas de informação oficiais de meningite criptocócica, estado do Rio de Janeiro. **Rev Saúde Pública** 2009; 43(4): p. 717-720. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rsp/2009.v43n4/717-720/> Acesso em 05 de julho de 2021.
- LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LOURENÇO, N., et. al. Meningite meningocócica: avaliação em período pré-epidêmico e epidêmico no Rio de Janeiro (1973-1975). **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.** 9 (5). Out 1975. p. 221-

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

234 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0037-86821975000500002> Acesso em 05 de julho de 2021.

MANGUEIRA. **História pra ninar gente grande**. Samba Enredo. Estação Primeira de Mangueira. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JMSBisBYhOE&t=4s> Acesso em 30 de julho de 2021.

MULAMBA. **Vila Vintém**. Altafonte Music Distribution. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=46M0JhXq28w> Acesso em 15 de mar de 2021.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

MUKASONGA, Scholastique. **Baratas**. São Paulo: Editora Nós, 2018

NORA, Pierre (Dir.). **Les lieux de mémoire**, t.1, La République. Paris: Gallimard, 1984.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**. São Paulo, (10). dez. p. 07-28. 1993.

OLIVEIRA, Paula Maria de. **Hospital de São Sebastião (1889-1905): um lugar para a ciência e um lazareto contra as epidemias**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2005.

PAZ, Hugo. **Para desenhar outros fatos**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2012.

REIS, José Carlos. O surgimento da "Escola dos Annales" e o seu "programa". In: **Annales: A renovação da história**. Ouro Preto: Editora UFOP, 1996, p. 37-63.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Trad.Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005.

Periódicos utilizados na pesquisa:

Antropologia Revista de Antropologia - FFLCH/USP. Disponível em: <https://antropologia.fflch.usp.br/revista-de-antropologia> Acesso em 05 de julho de 2021.

Cadernos de Pesquisa - FCC. Campinas: Autores Associados. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br//index.php/cp/index> Acesso em 05 de julho de 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Educar em Revista Setor de Educação - UFP. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar>
Acesso em 05 de julho de 2021.

Educação e Pesquisa - FE/USP. Disponível em: <http://www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/>
Acesso em 05 de julho de 2021.

Educação e Sociedade - CEDES/Campinas. Disponível em:
<https://www.cedes.unicamp.br/publicacoes/20> Acesso em 05 de julho de 2021.

Educação em Revista - FE/UFMG. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista> Acesso em 05 de julho de 2021.

Horizontes Antropológicos - UFRGS. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/horizontesantropologicos> Acesso em 05 de julho de 2021.

Religião e Sociedade - ISER/RJ. Disponível em: <https://www.iser.org.br/projeto/revista-religiao-sociedade/> Acesso em 05 de julho de 2021.

Revista Brasileira de Ciências Sociais - ANPOCS. Disponível em:
<https://anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/rbcs> Acesso em 05 de julho de 2021.

Revista Brasileira de Educação - ANPED. Campinas: Autores Associados. Disponível em:
<https://submission.scielo.br/index.php/rbedu/index> Acesso em 05 de julho de 2021.

Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - MEC/INEP. Brasília. Disponível em:
<http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep> Acesso em 05 de julho de 2021.

Revista Brasileira de História - ANPUH. Disponível em:
<https://anpuh.org.br/index.php/revistas-anpuh/rbh> Acesso em 05 de julho de 2021.

Revista Brasileira de História da Educação - SBHE. Campinas: Autores Associados. Disponível em:
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/index> Acesso em 05 de julho de 2021.

Revista História da Educação - ASPHE. Pelotas: UFPEL. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/asphe> Acesso em 05 de julho de 2021.

Scielo. Disponível em: <https://www.scielo.org/> Acesso em 05 de julho de 2021.

Tempo Social - FFLCH/USP. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/index> Acesso em 05 de julho de 2021.